

## FORMALISMO X FUNCIONALISMO: ABORDAGENS EXCLUDENTES?

Cinara Monteiro Cortez\*

**Resumo:** A Linguística moderna assume dois paradigmas nos quais podemos situar os estudos linguísticos: a perspectiva formalista e a funcionalista. Embora as diversas correntes situadas em cada um dos paradigmas possuam divergências, a distinção entre eles, de uma maneira geral, situa-se na divisão entre forma e função, cujos estudos apresentam uma orientação maior para cada uma destas vertentes. Este estudo pretende discutir algumas abordagens principais de cada um dos paradigmas, introduzindo suas premissas, focos de estudo, conceito de língua e outras questões, em uma orientação comparativa que procura apresentar os pontos de divergência e de contato entre as abordagens apresentadas. O propósito de tal comparação é contribuir para a reflexão sobre a questão de estudos complementares ou excludentes em ambas as perspectivas.

**Palavras-chave:** Formalismo. Funcionalismo. Estudos complementares.

**Abstract:** Modern Linguistics assumes two paradigms in which we can place linguistic studies: formalist and functionalist perspectives. Although the diverse approaches situated in either one of the two paradigms present divergences, the distinction between them, in a general way, is situated upon the segmentation between form and function, of which studies present a greater orientation towards one of those perspectives. This study intends to discuss about some of the main approaches in each paradigms, introducing their premises, focus of studies, concepts of language and other issues, in a comparative orientation which pursuits to present the divergent and contact points among the presented approaches. The purpose of such comparison is to contribute to the discussion about complementary or exclusionary studies.

**Keywords:** Formalism. Functionalism. Complementary studies.

### Introdução

Os estudos linguísticos modernos apresentam, de uma forma geral, abordagens que busquem um melhor entendimento dos fenômenos que envolvem a linguagem e seu uso. Tais abordagens apresentam suas discussões situadas em dois paradigmas principais, o formalismo e o funcionalismo. Nesse sentido, a divisão entre forma e função parece sugerir uma linha divisória entre as diferentes correntes pertencentes a cada uma das vertentes as quais os estudos estejam relacionados.

---

\* Mestranda em Estudos da Linguagem (Fomento: Faperj). Departamento de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro. Brasil. [cinaracortez@hotmail.com](mailto:cinaracortez@hotmail.com)

O objetivo deste estudo é apresentar uma breve revisão de literatura de algumas das principais correntes dentro dos paradigmas formal e funcional, buscando discutir as divergências e pontos de ruptura entre os estudos, assim como os aspectos de contato entre elas. Neste intuito, suas premissas e focos de investigação, conceitos de língua e outras questões contribuirão para uma discussão comparativa no sentido de apresentar reflexões acerca de estudos complementares ou excludentes de acordo com as perspectivas abordadas.

### **Formalismo**

O formalismo, segundo Dillinger (1991), refere-se ao estudo da forma linguística. Nesse sentido, a língua é vista como um sistema autônomo e seus estudos focalizarão, especialmente, a fonética, fonologia, morfologia e sintaxe; isto é, priorizam-se as características internas da língua, seus constituintes e as relações entre eles. Portanto, a língua é observada nas relações entre suas partes e princípios que orientem sua organização, gerando explicações que partem da própria estrutura.

### **Saussure e o estruturalismo**

A publicação póstuma do *Curso de Linguística Geral (CLG)*, em 1916, a partir das notas de alunos acerca de palestras ministradas por Saussure, apresenta uma ruptura com a tradição histórica dos estudos linguísticos. Embora haja controvérsias se a obra apresenta fielmente o pensamento de Saussure, o *CLG* é um dos marcos da linguística moderna (MUSSALIM; BENTES, 2004).

Apesar de o termo estruturalismo não ter sido usado por Saussure, o ponto central de suas discussões reside no fato de que para estabelecer um estudo sério do fenômeno linguístico é necessário que se admita a língua como uma estrutura, cujas propriedades essenciais são também propriedades estruturais (HARRIS; TALBOT, 1989). De acordo com Harris (1989), a característica crucial do estruturalismo saussureano é que a própria estrutura da língua cria as unidades e as relações entre essas unidades, e, portanto, a estrutura existe como um todo e não se constitui em partes.

Saussure (1995) afirma que língua e linguagem não são a mesma coisa. A língua é uma parte da linguagem, ela é “ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (p. 17). Para o autor, a linguagem é heterogênea, ao passo que a língua é um sistema de signos de natureza homogênea, existente na coletividade e exterior ao indivíduo, que por si só não pode criá-la nem modificá-la. Dessa forma, Saussure estabelece a língua como objeto da linguística e faz uma distinção entre língua (*langue*), o sistema, aquilo que é social; e fala (*parole*), que permite a evolução da língua, mas cujas “manifestações são individuais e momentâneas” (SAUSSURE, 1995, p. 27).

O *CLG* apresenta uma série de pressupostos acerca do objeto de estudo da linguística, dentre os quais temos o conceito de signo linguístico. O signo linguístico representa a união entre um conceito (significado) e uma imagem acústica (significante), e é uma entidade psíquica. O signo linguístico é, de uma forma geral, arbitrário, pois a relação que une o significante ao significado é imotivada. Ao caráter arbitrário do signo linguístico acrescenta-se a linearidade, isto é, o significante “desenvolve-se no tempo, unicamente [...] representa uma extensão (e) essa extensão é mensurável numa só direção: é uma linha” (SAUSSURE, 1995, p. 79).

Em relação à língua, pensamento e som, Saussure afirma que o pensamento é uma massa amorfa e indistinta, o qual não se molda à massa fônica, por essa também não possuir mais rigidez ou oferecer mais fixação. A língua é responsável por atravessar o plano das idéias e dos sons, e fornece ao pensamento os significantes que precisa. Nesse sentido, a língua é considerada uma forma e não uma substância. A língua é tratada também como um sistema de valores e cada elemento da língua pode ser definido por suas relações com outros elementos do sistema e não a partir de seu conteúdo. As relações são sintagmáticas, quando os termos estabelecem relações lineares e consecutivas entre si; e associativas, que prevêm combinações em qualquer ponto do paradigma, sendo essas associações mnemônicas virtuais.

Outro ponto central no *CLG* é distinção entre sincronia e diacronia. Por sincronia entende-se “tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência” e por diacronia, “tudo que diz respeito às evoluções” (SAUSSURE, 1995, p. 96). Nesse sentido, a sincronia diz respeito ao eixo das simultaneidades, “um estado de língua”, e a diacronia, refere-se ao eixo das sucessividades, “uma fase de evolução”.

## Jakobson e o Círculo Linguístico de Praga

O *Círculo Linguístico de Praga (CLP)* nasce, convencionalmente, em 1926, após a palestra de H. Becker intitulada “*O Espírito Europeu da Linguagem*”, em uma reunião na universidade de Charles. Dentre os nomes principais desse movimento destaca-se o de Roman Jakobson. Ao todo o *CLP* redigiu nove teses após as discussões do I Congresso de Filólogos Eslavos, em Praga, 1929, que apresentam os pontos principais de seus estudos. As três primeiras teses apresentam discussões sobre questões de linguística geral e as outras seis abordam a Eslavística.

Embora o *CLP* seja considerado como uma corrente estruturalista pós-saussureana, a primeira tese (“*Problemas metodológicos decorrentes da concepção de língua como sistema e importância de tal concepção para as línguas eslavas*”) apresenta a língua como um sistema funcional, isto é, um sistema de meios de expressão que se destina a um fim. Dessa forma, a língua é concebida como uma relação entre forma e função e possui o caráter teleológico, por ser também um produto da atividade humana. A primeira tese estabelece como prioridade os estudos sobre sincronia, tomados como dinâmicos, mas a diacronia é também observada, pois se considera que a sincronia contém aspectos da diacronia, já que em cada estado de língua podem-se observar fases de desaparecimento, de estado presente e de formação de elementos linguísticos (FONTAINE, 1978).

A segunda tese (“*Tarefas do estudo de um sistema linguístico, do sistema eslavo em particular*”) apresenta a distinção entre Fonética e Fonologia, já que, para o *CLP*, os fatores físicos (acústico e motor) não possuem relação direta com a linguística. É introduzida a concepção de fonema como um feixe de traços fônicos distintivos e o conceito de marcação, em que um elemento é distinguido de outro através da adição de uma característica extra, uma marca. Essa tese apresenta a noção de que a língua permite estruturar a realidade, pois a linguagem transforma a realidade em elementos linguísticos que podem ser compreendidos. Outro ponto de destaque é a visão funcional da sentença como um agrupamento sintagmático, criado através da predicação e que contém uma parte menos dinâmica, o tema, e outra mais dinâmica, o rema.

A terceira tese (“*Problemas das investigações sobre as línguas de diversas funções*”) introduz a noção de subsistemas da língua e de variações linguísticas, ao considerar as diferenças entre os falantes (sociais, profissionais, territoriais etc.). Também se destaca a noção de funções da linguagem, ampliada por Jakobson a partir do esquema proposto por

Buhler. Segundo Jakobson (2007), as funções da linguagem dividem-se em: a) referencial (denotativa ou cognitiva), que remete ao referente, ao contexto; b) emotiva (expressiva), que centra-se no remetente e foca na atitude do falante sobre o que se está falando; c) conativa, cuja orientação refere-se ao destinatário; d) fática, orientada ao contato; e) metalinguística, que remete ao código; e f) poética, cuja orientação foca a mensagem.

É possível perceber que as premissas do *CLP* afastam-se do estruturalismo saussureano ao apresentar uma visão funcional da língua. Embora a investigação descritiva da língua se dê a partir de Saussure e sua perspectiva de estudos sincrônicos, o *CLP* critica a separação entre sincronia (estática) e diacronia (dinâmica), assumindo que as mudanças linguísticas, relacionadas à diacronia, estão sempre acontecendo em um dado estado de língua e são, portanto, parte da sincronia. A arbitrariedade e linearidade do signo também são colocadas em questão, já que para o *CLP* a relação entre significante e significado é mais icônica do que imotivada e as combinações de diferentes características não ocorrem apenas sucessivamente (eixo sintagmático), mas há também combinações simultâneas (eixo paradigmático) (JAKOBSON, 1980). Outra questão central para os estudiosos do *CLP* refere-se à crítica à língua como um sistema homogêneo, de acordo com a proposta saussureana, pois segundo Jakobson (1980) a língua é um sistema de sistemas, um código mais amplo que inclui vários subcódigos.

### **Bloomfield e o estruturalismo americano**

Leonard Bloomfield, influenciado pelos behavioristas e pelos estudos de Boas e Sapir, apresenta uma abordagem mecanicista e comportamentista da língua. A língua é vista “em termos de estímulo e resposta [...] um estímulo externo leva alguém a falar, esta resposta linguística do locutor constitui para o ouvinte um estímulo linguístico que provoca uma resposta prática” (LEPSCHY, 1974, p. 89); em que o estímulo inicial e a resposta pertencem ao mundo extralinguístico, ao passo que a resposta linguística e o estímulo provocado por ela constituem o ato linguístico. Para Bloomfield, falar é uma das formas de comportamento que pode ser diretamente observável e descrita. Nesse sentido, a análise do significado é, para o autor, o “ponto fraco dos estudos da linguagem”, o significado é, tão somente, a situação em que o falante pronuncia uma forma linguística e a reação que isso provoca no ouvinte, e está associado a movimentos físicos que se referem à linguagem (BLOOMFIELD, 1982).

Bloomfield introduz a “fonêmica”, cuja base teórica observa o fonema como “um feixe de traços distintivos dentro do complexo do som vocal” (CÂMARA Jr., 1986, p. 173). Esta concepção, apesar de aproximada à abordagem do *CLP*, cuja definição de fonema foca os traços fonéticos, distingue-se por definir o fonema de acordo com o princípio da distribuição, onde se observam as posições dos fonemas nas formas linguísticas e suas combinações com outros fonemas (CÂMARA Jr., 1986).

Em *A Set of Postulates for the Science of Language*, lançado em 1926 na revista *Language*, Bloomfield apresenta uma série de postulados, que, segundo o autor, aprofunda o estudo da linguagem por forçar a explicitação e definição de termos e decidir aquilo que pode ser independente ou interdependente na linguagem (BLOOMFIELD, 1926). Há uma rica terminologia para caracterizar os elementos da linguagem nos postulados e que ainda é utilizada hoje por muitos estudiosos.

A técnica descritiva de Bloomfield e sua fonêmica possibilitaram um avanço para os estudos de linguística diacrônica. A diacronia é compreendida, na escola de Bloomfield, como uma mudança de um estado de sincronia para outro, onde a reconstrução de estados linguísticos é obtida através do estudo de vários sistemas linguísticos sincrônicos em uma perspectiva diacrônica, isto é, através do tempo. Nesse sentido, Bloomfield considera a sincronia e diacronia como ponto principal da abordagem saussureana, por possibilitar os estudos descritivos da língua e não apenas os estudos comparativos. No entanto, Bloomfield considera Saussure como um sistematizador de idéias e não com criador de uma nova teoria.

### **Chomsky e o gerativismo**

O gerativismo surge como uma resposta à abordagem behaviorista da linguagem e destacam-se as publicações iniciais de Chomsky, o livro *Estruturas Sintáticas*, de 1957, e a resenha crítica em relação ao livro *Verbal Behavior* de Skinner, em 1959, como marcos de seu início. Esses estudos apresentam uma rejeição à visão da linguagem como condicionada socialmente através de hábitos e externa ao indivíduo, a relação estímulo-resposta, como apresentada pelo estruturalismo de Bloomfield. Para Chomsky, a criatividade humana, isto é, a capacidade de criar novas frases a todo o momento, é o que fundamentalmente distingue a comunicação humana da comunicação animal, opondo-se a noção behaviorista de previsibilidade das respostas a um dado estímulo (KENEDY, 2008). Assim como Saussure,

Chomsky estabelece uma dicotomia no estudo da linguagem, a noção de competência x noção de performance. Para Chomsky, a competência é o conhecimento potencial internalizado que o indivíduo possui da língua e que o permitirá avaliar as sentenças produzidas, e a performance diz respeito ao uso efetivo da língua em situações concretas de uso. Dessa forma, Chomsky estabelece a competência como objeto de estudo da linguística, pois, para ele, a performance não pode refletir a competência, dado o fato de que a língua em uso apresenta uma série de mudanças e desvios do sistema de regras que o indivíduo domina.

A teoria gerativa vem se desenvolvendo desde a década de 50 e passou por uma série de reformulações ao longo desses anos. O gerativismo nasce como um “programa de investigação científica” (*PIC*), apresentando uma concepção da linguagem como um “sistema de conhecimentos interiorizado na mente humana” (RAPOSO, 1992, p. 27) e cujas questões centrais dizem respeito ao conteúdo do sistema de conhecimentos linguísticos de um falante de uma dada língua, como esse sistema de conhecimentos se desenvolve na mente do falante, como o sistema é utilizado em situações comunicativas, e quais sistemas físicos do cérebro estão na base do sistema de conhecimentos (RAPOSO, 1992). Nesse sentido, esse modelo de investigação adota um caráter hipotético dedutivo que procura encontrar princípios gerais e regras de boa formação de sentenças para a descrição dos dados de forma lógica, adotando uma concepção de gramática da língua como um sistema computacional (BORGES NETO, 2004). Tal proposta distancia-se da abordagem estruturalista de descrição empírica dos fatos, que excluía qualquer dado que não pudesse ser observado diretamente ou medido fisicamente.

A Teoria Padrão (1965) oferece um modelo de gramática como um sistema de regras, cuja arquitetura da gramática compreende uma estrutura profunda (*EP*), onde atuam o componente semântico e o componente de base; e a estrutura superficial (*ES*), na qual atua o componente fonológico. O componente de base é formado pelas regras do componente categorial e pelo léxico, e é responsável por gerar as estruturas profundas. As estruturas profundas derivam de regras de reescrita, que funcionam como um conjunto de instruções para se construir sentenças; e de regras de inserção lexical, que atuam sobre as estruturas já geradas pelas regras de base. Entre a *EP* e a *ES*, atua um conjunto de regras transformacionais, o componente transformacional, cujas operações são em nível formal e não possuem efeito sobre o significado, já que a interpretação semântica é realizada na *EP*. Os gerativistas apresentam, dessa forma, uma concepção de língua que compreende uma geração de sentenças infinitas formadas a partir de um sistema finito de regras que transformam uma estrutura em outra. Entretanto, nos anos 70, a Teoria Padrão passou por uma reformulação, a

partir de um movimento conhecido como semântica gerativa, que procurou dar conta das mudanças de significado durante as transformações. Embora a Teoria Padrão Ampliada mantivesse a idéia de que as transformações não mudariam o significado semântico das sentenças, as regras de base poderiam gerar estruturas de representações sintáticas e semânticas, onde os itens lexicais seriam substituídos por primitivos semânticos universais, abaixo dos nódulos categoriais. A autonomia da sintaxe continuaria assegurada, pois são os componentes sintáticos que geram estruturas que podem ser interpretadas pelo componente semântico.

Contudo, é nos anos 80, com a Teoria da Regência e Ligação e a introdução do modelo de Princípios e Parâmetros (*P&P*), que a proposta gerativista apresenta uma adequação descritiva e explicativa para a diversidade das línguas (RAPOSO, 1992). Com a concepção da regra “mova alfa”, o componente transformacional é restringido a essa única regra: mova qualquer elemento para qualquer lugar. As restrições atuam sobre as configurações, resultantes da regra “mova alfa”, por princípios gerais que rejeitam as sentenças agramaticais da língua. A *EP* é compreendida como o nível onde são atribuídos papéis temáticos aos elementos da sentença e a *ES* é o nível que medeia, sintaticamente, a interpretação fonológica e a interpretação semântica de uma sentença.

A última das mudanças na teoria gerativista apresenta o programa minimalista (*PM*) que, segundo Raposo (*apud* BORGES NETO, 2004), não substitui o modelo *P&P*, mas apresenta novas questões a serem consideradas nesta proposta teórica. A linguagem é apresentada como um “sistema perfeito”, por possuir um *design* ótimo para atender às restrições impostas pelas interfaces da língua com os sistemas de desempenho, externos à Faculdade da Linguagem (sistema computacional e sistemas cognitivos associados à linguagem). De acordo com o *PM*, uma língua *L* fornece informações ao sistema cognitivo articulatório-perceptual (sensório-motor) e ao conceitual-intencional (sistemas de pensamento) através de níveis de representação linguística (Forma Fonética e Forma Lógica), em interface com os sistemas de desempenho. O sistema cognitivo da língua pode ser compreendido como léxico (traços fônicos, semânticos e formais) + o sistema computacional, o qual opera sobre determinadas propriedades gramaticais (traços), desencadeando relações sintáticas (AUGUSTO, 2005).

É possível observar uma aproximação entre Saussure e Chomsky em relação à distinção *langue/parole* e competência/performance. Entretanto, ao passo que Saussure apresenta uma visão de língua como estrutura, um “inventário sistemático de itens”



(CHOMSKY, 1975), um fato social; Chomsky concebe a língua como um sistema de representação mental e aponta a natureza criativa da competência. Outro ponto de divergência entre as duas abordagens remete ao fato de que Saussure observava a Linguística como parte da semiologia, relacionada à psicologia social, ao passo que Chomsky, ao focar os aspectos cognitivos da linguagem, remete à psicologia cognitiva. Observa-se também, como discutido nos parágrafos iniciais desta subseção, o surgimento do gerativismo como uma rejeição às teorias behavioristas, especialmente a corrente estruturalista americana, liderada por Bloomfield.

## **Funcionalismo**

O funcionalismo descreve a língua, principalmente, como um instrumento de interação social e, segundo Dillinger (1991), remete ao estudo do significado e do uso da linguagem durante as interações comunicativas. Dessa forma, o estudo do sistema linguístico está subordinado ao uso da língua, cuja “forma se adapta às funções que exerce” (MUSSALIM; BENTES, 2004, p. 165). A linguagem, portanto, não possui um fim em si mesma e a estrutura é considerada motivada pelo contexto, pela situação comunicativa.

### **O funcionalismo givoniano**

As correntes funcionalistas surgem a partir de questões discursivas que provocaram, segundo Pezzatti (2004, p. 166), “uma reação generalizada” que deu início a várias outras tendências. Dentre as escolas funcionalistas americanas, o nome de Givón figura como representativo dessa corrente desde os anos 70.

Segundo Givón (1995), em *Funcionalismo e Gramática*, o funcionalismo adota como premissas os seguintes pontos: a linguagem como atividade sócio-cultural; a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas; a estrutura é não-arbitrária, motivada e icônica; mudança e variação estão sempre presentes; o significado é dependente do contexto e não-atômico; as categorias não são discretas; a estrutura é maleável, não rígida; as gramáticas são emergentes; as regras de gramática permitem algumas exceções. O autor acrescenta que, dada à complexidade da língua, por seu caráter biológico de representação do conhecimento e

comunicação, essas premissas são válidas de acordo com o contexto definido de interações e estão circunscritas e competindo com outros princípios, que podem representar limitações a sua aplicabilidade.

Em seu primeiro capítulo de *Funcionalismo e Gramática*, Givón (1995) apresenta críticas ao que denomina de os “três dogmas centrais de Saussure”: a arbitrariedade do signo linguístico, a idealização associada à distinção entre *langue* e *parole*, e a segregação da descrição diacrônica e sincrônica. A arbitrariedade do signo, segundo Givón (1995), separa aquilo que é visível no signo linguístico daquilo que é invisível, isto é, de seus aspectos mentais correlatos. Ele considera essa separação como uma “triste caricatura de uma visão positivista e behaviorista do sentido como uma referência externa” (GIVÓN, 1995, p. 6), crítica que se estende à concepção de significado de Bloomfield. Em relação à *langue* e *parole*, o autor afirma que esta distinção, formulada por Saussure e que ressurge no gerativismo com os conceitos de competência e performance, enfatizando a *langue*/competência como objeto de investigação da linguística, é apenas uma idealização metodológica. Para o funcionalismo o foco reside justamente no que se denominou *parole*/performance nas outras abordagens, por se considerar este nível o lugar onde a língua é adquirida e onde a gramática emerge e se modifica. Ainda sobre a idealização, o autor aponta a separação entre sincronia e diacronia. Nesse sentido, essa crítica alinha-se à visão do *CLP*, que também aponta a importância dos estudos de mudança e variação para se compreender a sincronia, em uma visão pancrônica da linguagem.

### **A linguística sistêmico-funcional**

A linguística sistêmico-funcional (*LSF*) compreende a linguagem como um sistema sócio-semiótico (CUNHA; SOUZA, 2007; HALLIDAY, 1994), cujo “foco reside na análise de produtos autênticos da interação social, considerando suas relações com a cultura e contexto social nos quais esses produtos são negociados<sup>1</sup>” (EGGINS, 2004, p. 2).

A *LSF* postula que todas as línguas são organizadas em componentes de significados chamados metafunções. As metafunções devem ser interpretadas como partes funcionais da linguagem em respeito ao sistema total da língua e os níveis de análise podem destacar uma determinada função, mas nunca representam hierarquia na organização linguística. As

<sup>1</sup> (tradução própria) “focus on the analysis of authentic products of social interaction (texts), considered in relation to the cultural and social context in which they are negotiated”.

metafunções são divididas em três níveis: ideacional – que diz respeito à forma como o mundo é representado através da experiência humana, interpessoal – que se refere às interações, a oração como troca e negociação; e o textual – que representa o modo como o conteúdo é organizado em forma de texto (HALLIDAY; HASSAN, 1989).

A *LSF* de Halliday entende que os componentes fundamentais que produzem significado na língua são essencialmente funcionais (HALLIDAY, 1994) e compreendem uma organização léxico-gramatical da linguagem sempre em relação ao contexto de uso. A linguagem é vista como mediadora da experiência do mundo, e como interpretação e representação do mundo. Desta forma, o modo como as categorias gramaticais são organizadas diferem a partir da maneira como cada indivíduo expressa sua experiência de mundo e a gramática se apresenta como uma decorrência das escolhas no paradigma de cada língua. Para cada escolha feita dentro do paradigma organizacional da linguagem, novos significados são construídos e a relação entre significado e fraseado não é, como afirma o autor, arbitrária, mas sempre motivada. Nota-se, nesse sentido, um afastamento das noções suassureana e bloomfieldeana de significado como referência externa, assim como apontado por Givón.

Em relação ao funcionamento da língua, a *LSF* pressupõe o sistema linguístico realizado por instanciações contínuas que expandem o sistema e são controladas pela geração e abandono de estruturas novas e antigas através das gerações, tal noção se opõe ao gerativismo, que prevê um sistema finito de regras. Outro ponto que afasta a *LSF* do gerativismo diz respeito à noção de sentenças gramaticais ou agramaticais, cujas noções de competência e arquitetura da linguagem seriam responsáveis por avaliar essas sentenças. Para a *LSF* as sentenças são originadas a partir de relativa frequência na escolha de determinadas estruturas e são essas frequências que refletem as probabilidades de escolha de certos recursos e não outros. Em outra perspectiva, a distância entre a *LSF* e o gerativismo pode ser entendida pela afirmação de Chomsky de que a linguística seria um ramo da psicologia cognitiva, ao passo que para Halliday, os estudos linguísticos estão associados à sociologia.

## **A Sociolinguística**

As abordagens sociolinguísticas partem da noção de que a língua é, em si, uma forma de ação social e que tanto a linguagem escrita quanto a oral preenchem propósitos sociais e

culturais (COUPLAND; JAWORSKI, 1997). Nesse sentido, a *LSF* de Halliday pode ser também considerada uma abordagem sociolinguística. Dentre os nomes dos precursores da sociolinguística destaca-se o de Labov como um de seus fundadores. Labov ([1972; 1978] 1997) afirma que o termo sociolinguística pode causar a impressão de que há um tipo de teoria ou prática linguística que não seja social, pois para o autor, se a língua é um fato social, qualquer abordagem linguística é necessariamente ‘sociolinguística’.

Labov concentrou seus estudos na variação e mudança linguística a princípio e depois ampliou seus interesses em estudos de fonética, fonologia e mudanças de som, e é apontado como um dos nomes mais influentes em metodologias de pesquisas sociolinguísticas, por aliar análise quantitativa a análises sociais. Contudo, em seu texto *Linguistics and Sociolinguistics*, o autor aponta que alguns princípios linguísticos constituíam, na verdade, barreiras ideológicas para se estudar a língua em sociedade. Entre eles, o autor destaca a dicotomia saussureana entre sincronia e diacronia, que isola os sistemas estruturais do presente das mudanças históricas do passado e, para o autor, um estudo pancrônico possibilita uma melhor compreensão das mudanças e variações da língua. Outro ponto remete à concepção de que as mudanças de som não poderiam ser observáveis e, a esse respeito Labov faz uma crítica direta a Bloomfield que “defendia a regularidade da mudança de som contra a evidência irregular do presente declarando que quaisquer flutuações que podemos observar seriam apenas casos de empréstimo dialetal<sup>2</sup>” (LABOV, 1997, p. 24). Outra crítica a Bloomfield remete ao conceito de variação livre, pois os postulados bloomfieldeanos assumem que alguns enunciados são iguais, de acordo com o princípio de lugar e função, desconsiderando, portanto, a importância do contexto nesses enunciados.

Outra corrente da sociolinguística, a sociolinguística interacional, está “fortemente ancorada na pesquisa qualitativa empírica e interpretativa” e “propõe o estudo da língua na interação social” (RIBEIRO; GARCEZ, 2002, p. 8). Segundo os estudiosos da abordagem interacional, o foco dos estudos reside na resposta à pergunta “o que está acontecendo aqui e agora nesta situação de uso da linguagem?”. Gumperz (1982a *apud* Pereira, 2002) propôs a abordagem da Sociolinguística Interacional “no âmbito dos processos comunicativos da interação humana para tratar de relações entre cultura, sociedade e indivíduo” (p. 8). Segundo Gumperz ([1981] 1997), o conceito principal dessa abordagem é a competência comunicativa, que se refere ao “conhecimento linguístico e convenções comunicativas relacionadas que os

---

<sup>2</sup> (Tradução própria) “(Bloomfield) defended the regularity of sound change against the irregular evidence of the present by declaring that any fluctuations we might observe would only be cases of dialect borrowing”.

falantes devem possuir para iniciar e sustentar o envolvimento conversacional<sup>3</sup>” (p. 40-41). Essa noção afasta-se claramente da competência de Chomsky, a qual Gumperz considera “estreita”, por não considerar o contexto e a interação em função dos participantes.

De uma forma geral, as abordagens funcionalistas, especialmente as sociolinguísticas, compreendem a língua estritamente em relação às funções sócio-culturais a que ela se destina, nesse sentido, a forma está sempre associada a uma determinada função dentro de um contexto, macro ou micro, de situação comunicativa. A sintaxe não é autônoma, pois está vinculada a uma visão pragmática da linguagem. Tal perspectiva opõe-se a visão formalista, especialmente ao modelo gerativista, que postula a autonomia da sintaxe em relação à pragmática e compreende a língua como um fenômeno mental, cujos estudos não consideram o contexto/situação.

### **Conceitos de gramática**

De uma maneira geral, as abordagens formalistas de gramática remetem ao estudo das características internas da língua, enfatizando a sentença, onde a sintaxe é autônoma e as relações entre língua e contexto não são observadas. Por outro lado, as correntes funcionalistas observam a língua como um sistema não autônomo, sempre em relação com contexto, situação e participantes. O foco é estabelecido nas relações entre os componentes sintáticos e componentes semânticos, discursivos e pragmáticos.

Em relação à concepção de gramática, observa-se em Saussure uma visão estrutural da língua em relações sintagmáticas e associativas, nos eixos de seleção e combinação dos elementos linguísticos. A língua é concebida não como um instrumento de nomenclatura, mas como de classificação. Saussure (1995) chama de *Gramática* a “linguística estática ou descrição de um estado de língua” (p. 156) e afirma que o estudo de gramática refere-se ao estudo da língua “como um sistema de meios de expressão” (p. 156), e, segundo o autor, é necessário incluir o estudo do léxico à tradição gramatical de estudo da morfologia e sintaxe.

Seguindo a tradição saussureana, a análise gramatical proposta pelo estruturalismo americano de Bloomfield adota princípios empiristas, como já discutido, e procedimentos indutivos de segmentação e classificação dos dados. É uma visão também classificatória dos

---

<sup>3</sup> (Tradução própria) “the knowledge of linguistic and related communicative conventions that speakers must have to initiate and sustain conversational involvement”.

elementos, em termos de distribuição, em que o sentido das unidades não é considerado. Dessa forma, as propriedades distribucionais dos elementos não levam em conta categorias lógicas, psicológicas ou metafísicas (LOBATO, 1986).

O conceito de gramática no gerativismo refere-se ao conhecimento linguístico internalizado que o falante possui de sua língua e também à teoria sobre tal conhecimento. A gramática internalizada, segundo Raposo (1992, p. 28) “consiste por um lado num dicionário mental das formas da língua e por outro num sistema de princípios e regras atuando de forma computacional sobre essas formas”. Essa gramática é um sistema autônomo, pois a noção de modularidade da mente prevê que os princípios e representações específicas da gramática interiorizada não são partilhados por outros sistemas (RAPOSO, 1992).

A visão de gramática apresentada pelo *CLP* apresenta uma visão funcional aliada aos estudos da tradição gramatical, “a concepção funcionalista permite ligar fatos isolados com frequência estudados pela tradição gramatical e constituir o sistema que o explica” (FONTAINE, 1978). Foi desenvolvida uma “perspectiva funcional da frase” (NEVES, 1997), que se refere à forma como as palavras são organizadas em relação à função comunicativa, que observa a língua como um “sistema de sistemas”, com funções relacionadas a cada um desses subsistemas. A essa noção aproxima-se a visão de gramática da *LSF*, que também apresenta uma concepção multifuncional da linguagem (cf. metafunções) e, assim como o *CLP*, observa a fonologia na base da organização da língua, mediadas pela sintaxe e o léxico, e a semântica no topo. Ambas as perspectivas apresentam as diversas funções inter-relacionadas, contudo, para Jakobson, há sempre uma predominância de uma das funções da linguagem, ao passo que para a sistêmico-funcional, não há hierarquia nos níveis entre as funções.

Givón (1979) argumenta que a sintaxe tem origem no discurso, pois, para o autor, a linguagem humana evoluiu da pragmática à sintaxe. A noção de gramática para Givón (1979) remete às estratégias que o falante emprega criativamente para de forma funcional organizar seu texto a um ouvinte em um determinado contexto de situação. Essa noção assume a gramática como emergente, pois ela está sempre sendo modificada pelo uso da língua. Contudo, o autor admite, em seus trabalhos sobre gramaticalização, que fatores comunicativos e cognitivos estão na base das mudanças linguísticas.

As correntes sociolinguísticas, sobretudo a sociolinguística interacional, enfatizam a interação comunicativa. Nessas abordagens, a gramática é observada durante as trocas linguísticas e é sempre emergente, pois o que interessa é como e para que a língua é usada em

um determinado contexto e situação. Assim, a concepção de sentenças gramaticais ou agramaticais, como na perspectiva gerativista, não se aplica nessas abordagens, já que quaisquer produções são observadas em uma visão pragmática de uso da língua, onde a noção de adequação linguística é mais apropriada.

### **Conceitos de competência e performance**

O termo competência foi introduzido nesse estudo de acordo com a noção gerativista, referindo-se ao conhecimento internalizado que o falante possui de sua língua. Cabe ressaltar que, segundo Chomsky, esse conhecimento não é inato, ele é na verdade o estágio final da aquisição da linguagem. Discutiu-se também a distinção entre competência e performance, que aproxima-se, em determinado sentido à dicotomia saussureana *langue/parole*. Nota-se que para ambas as abordagens, o estudo da competência/*langue* tem prioridade sobre aquilo que é tomado como atuação, isto é, o uso concreto da língua.

O sociolinguista Dell Hymes ([1974] 1997) argumenta que ao substituir “linguagem” por “competência”, Chomsky promete muito mais que cumpre, restringindo o termo somente ao conhecimento gramatical que o falante possui da língua e deixando de lado, segundo o autor, “outros aspectos de conhecimento e habilidade tácitos do falante, jogados juntos sob um conceito de performance não examinado amplamente<sup>4</sup>” (HYMES, 1997, p. 12). O autor acrescenta que a performance, segundo o gerativismo, tende a gerar uma concepção da competência que a relaciona ao comportamento e também permite considerar aspectos não-gramaticais, limitando, dessa maneira, a realização das possibilidades gramaticais. Para o autor, a competência deve ser compreendida em termos muito mais amplos, englobando o conhecimento do falante sobre sua língua, o conhecimento de contexto e situações de uso apropriado ou não de situações comunicativas, o que de fato a comunicação realiza ou não em termos pragmáticos, e o que é possível realizar através de implementações durante a interação. Nesse sentido, a noção de competência remete à competência comunicativa, como apresentada na subseção destinada à sociolinguística. Desta forma, a performance é o que possibilita o falante a realizar a competência durante situações reais de uso da linguagem.

---

<sup>4</sup> (Tradução própria) “(it leaves) other aspects of speakers’ tacit knowledge and ability in confusion, thrown together under a largely unexamined concept of performance”.

Para Bauman (1986), a performance é “um modo de comunicação, uma forma de falar, a essência na qual reside a suposição da responsabilidade com uma audiência para a exposição da habilidade comunicativa, destacando o modo como a comunicação é executada, além de seu conteúdo referencial” (p. 3). O autor acrescenta que a performance intensifica a experiência e que também pode ser entendida como uma representação da função poética, aproximando-se aos estudos de Poética, feitos por Jakobson, onde a função poética sobrepunha-se às outras funções da linguagem, mesmo fora do estudo de poesia. É, portanto, na performance, isto é, no uso concreto de situações comunicativas, que as abordagens funcionalistas enfocam seus estudos.

### **Aquisição da linguagem**

Embora o *CLG* não apresente discussões diretamente relacionadas sobre aquisição da linguagem, o terceiro capítulo introduz uma noção superficial sobre a questão. Mesmo considerando aspectos naturais relacionados à língua (órgãos relacionados à fala), para Saussure a faculdade de falar está subordinada a uma “faculdade mais geral, a que comanda os signos e que seria a faculdade linguística por excelência” (p. 18), já que é a língua o produto social da faculdade da linguagem. A língua se constitui como “algo adquirido e convencional” (*CLG*, 1995, p. 17), que está na coletividade e, segundo o autor, não havia um consenso sobre o fato de que o aparelho vocal humano tenha sido criado para falar. Saussure não considerava a função da linguagem manifestada na fala como algo natural, mas sim adquirida na estrutura coletiva.

O estruturalismo americano, com bases nos estudos behavioristas, especialmente de Skinner, compreendem a aquisição como um aprendizado, onde a linguagem é considerada exterior às funções mentais. Os behavioristas postulam que a linguagem é apenas uma convenção social e sua aquisição é processada por condicionamento e/ou memorização, pois a criança é “uma ‘tabula rasa’, [...] ela só desenvolve seu conhecimento linguístico por meio de estímulo – respostas (S – R), imitação e reforço”, (DEL RÉ, 2006, p. 18).

Em oposição às duas abordagens apresentadas, o gerativismo concebe a faculdade da linguagem como uma herança biológica, inata a todos os seres humanos, na qual “o conjunto das propriedades gramaticais comuns compartilhadas por todas as línguas naturais, bem como as diferenças entre elas [...] são previsíveis”, a chamada Gramática Universal (*GU*)



(KENEDY, 2008, p. 136). A *GU* é o estágio inicial da aquisição que, como qualquer outro órgão biológico, desenvolve-se até a gramática de um falante adulto (competência). Segundo Chomsky, a aquisição não é tanto um processo de aprendizagem, mas de maturação e desenvolvimento de um órgão mental biológico que contém estruturas de conteúdo especificamente linguístico e, segundo Corrêa (2008, p. 203), “a forma da gramática das línguas encontra-se necessariamente em conformidade com as possibilidades oferecidas e limitações impostas pelo aparato físico e cognitivo humanos”. Uma das críticas centrais à concepção behaviorista de aquisição, formulada por Chomsky, diz respeito ao “argumento da pobreza de estímulos”, pois os dados primários da aquisição não podem dar conta da riqueza e complexidade de conhecimentos finais. Contudo, Chomsky não exclui a importância da interação com o meio, que contribui para determinar o conteúdo final do desenvolvimento da competência, mas o foco persiste nos processos mentais.

Para os funcionalistas, a linguagem é adquirida pela criança no contexto social e é determinada pelas necessidades comunicativas e pelas habilidades de interação em sociedade (DILLINGER, 1991; GIVÓN, 1979; HALLIDAY, 1994). Segundo Halliday (1994, 2004), a criança aprende primeiro a se comunicar através de gestos e sons, para funções que se destinem ao controle do comportamento dos outros e para a satisfação de necessidades físicas. O autor acrescenta que a criança desenvolve o que ele intitula de protolíngua, linguagem caracteristicamente infantil (suas próprias palavras), para posteriormente utilizar palavras convencionais durante a interação. Gradualmente, através das interações e contextos, a criança desenvolve a gramática, pelas próprias imposições sociais de uso da língua. Givón, na tentativa de apresentar um modelo de teoria que unificasse os estudos de mudança linguística, incluindo a aquisição, argumenta que a criança adquire a língua de modo pragmático, situado no discurso, para o sintático, gradualmente, isto é, de situações imediatas, óbvias e concretas para situações menos imediatas, menos óbvias e mais abstratas, sempre atribuídas à percepção e a produção de sentidos na interação (BAPTISTA, 2000).

### **Considerações finais**

O presente trabalho buscou apresentar as principais premissas dos paradigmas formalista e funcionalista através de algumas correntes e nomes representativos de cada abordagem. Foi possível observar que embora o objeto de estudo seja o mesmo para todas as

correntes (língua), o fenômeno e os focos das discussões apresentam distinções que podem apresentar pontos de divergência, mas também de contato entre ambos os paradigmas e entre cada uma das correntes de estudos discutidas.

Foi possível observar que embora a distinção entre forma e função possibilite situar as correntes em um dos paradigmas, encontram-se aspectos que podem aproximar abordagens ao paradigma considerado oposto. Nesse sentido destaca-se o *CLP*, que embora se situe na abordagem formalista, apresenta uma visão funcional da linguagem e, muitas vezes, é apresentado por alguns estudiosos como uma das primeiras correntes funcionais da linguagem. Outro ponto observado é que a questão da forma não é, sobretudo, abandonada nos estudos funcionalistas, que admite diálogos com estudos realizados por correntes formalistas, acrescentando a importância pragmática da sintaxe. Outra questão de contato reside na observação de aspectos cognitivos e processos mentais em estudos funcionalistas, apesar desse trabalho não ter aprofundado tais discussões. Vale ressaltar também que o gerativismo distingue-se das abordagens estruturalistas por focar os processos mentais da linguagem, embora esteja inserido no mesmo paradigma que abrange tais correntes.

Considerando a questão dos estudos linguísticos tenderem para uma ou outra perspectiva, isto é, do ponto de vista formal ou funcional, resta saber se uma necessariamente exclui a outra. Para tal questão Mary A. Kato (1998), em seu artigo *Formas de Funcionalismo na Sintaxe*, argumenta que há possibilidades em articular estudos de ambos os paradigmas e exemplifica sua opinião ao citar um estudo feito por ela em co-autoria com um funcionalista (KATO; CASTILHO, 1991). Segundo a autora: “a língua é significante e significado, dois lados da mesma moeda. O ponto de partida metodológico não importa. Fica ao gosto de cada um. Mas se trabalharmos em consonância, certamente chegaremos a descobertas mais abrangentes e interessantes”.

Este trabalho procurou apresentar, de uma maneira geral, questões de divergências e aproximações entre diferentes abordagens de estudos linguísticos, no sentido de contribuir com as discussões sobre algumas correntes linguísticas situadas nos paradigmas formal e funcional e em que ponto tais abordagens podem se apresentar excludentes ou complementares.

## Referências

AUGUSTO, M. R. A. As relações com as interfaces no quadro minimalista: uma promissora aproximação com a psicolinguística. In MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. (orgs.) *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005, p. 245-268.

BAPTISTA, L. M. T. R. Teorias Linguísticas e Aquisição e Aprendizagem de Línguas. *Todas as Letras*, n. 2, p. 75-85, 2000.

BAUMAN, R. *Story, performance and event: contextual studies of oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BLOOMFIELD, L. A Set of Postulates for the Science of Language. *Language*. v. 2, n. 3, p. 153-164, Linguistic Society of America, Sep., 1926.

\_\_\_\_\_. O Significado. In DASCAL, M. (org.) *Fundamentos metodológicos da linguística*. Vol III Semântica. Campinas, 1982, p. 29-30.

BORGES NETO, J. *Ensaio de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *História da linguística*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CHOMSKY, N.; RAPOSO, E. P.; MEIRELES, J. A. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Armenio Amado, 1975.

COUPLAND, N.; JAWORSKI, A. (Eds.). Methods for studying language in society. In *Sociolinguistics: a reader*. New York: St. Martin's Press, p. 69-162, 1997.

CUNHA, M. A. F.; SOUZA, M. M. A transitividade segundo a linguística sistêmico funcional. In *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 53-76.

CORRÊA, L. M. S. O desencadeamento (bootstrapping) da sintaxe numa abordagem psicolinguística. In FINGER, I.; Quadros, R. M. de. *Teorias de Aquisição da Linguagem*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008, p. 203.

DILLINGER, M. Forma e função na Linguística. *DELTA*, v. 7, n. 1, p. 397-407, São Paulo, 1991.

DEL RÉ, A. *Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006.

EGGINS, S. An overview of systemic functional linguistics. In *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Continuum, 2004, p. 1-22.

FONTAINE, J. *O círculo linguístico de Praga*. São Paulo: Cultrix: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1978.

GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

\_\_\_\_\_. Prospectus, Somewhat Jaundiced. In *Functionalism and grammar*. Amsterdam, Philadelphia: J. Benjamins, 1995, p. 1-23.

GUMPERZ, J. J. Communicative Competence. In COUPLAND, N.; JAWORSKY, A. (Eds.) *Methods for studying language in society*. In *Sociolinguistics: a reader*. New York: St. Martin's Press, [1981] 1997, p. 39-48.

HALLIDAY, M. A. K. Introduction. In *An introduction to functional grammar* (2<sup>nd</sup>. ed). London: Edward Arnold, 1994, p. ix-xxv.

\_\_\_\_\_. Functions of language. In HALLIDAY, M. A. K.; HASSAN, R. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989, p. 15-28.

HALLIDAY, M. A. K.; HASSAN, R. Context of situation. In *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989, p. 3-14.

HARRIS, R. Saussure on Language and Thought. In HARRIS, R.; TALBOT, J. T. *Landmarks in linguistic thought. The Western Tradition from Socrates to Saussure*. London: Routledge, 1989, p. 209-224.

HYMES, D. The Scope of Sociolinguistics. In COUPLAND, N.; JAWORSKY, A. (Eds.) *Methods for studying language in society*. In *Sociolinguistics: a Reader*. New York: St. Martin's Press, [1974] 1997, p. 12-22.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix: Pensamento, 2007.

\_\_\_\_\_. Sign and System of Language: A Reassessment of Saussure's Doctrine: *Poetics Today*, v. 2:1<sup>a</sup>, 1980, p. 33-38.

KATO, M. A. Formas de Funcionalismo na Sintaxe. *DELTA*, São Paulo, v. 14, spe, 1998. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010244501998000300011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244501998000300011&lng=en&nrm=iso)> acesso em 02 de dezembro de 2009.

\_\_\_\_\_; CASTILHO, C. M (1992) Advérbios modalizadores. In ILARI, R. (org.) *Gramática do português falado*, vol II: Níveis de Análise linguística. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP.

KENEDY, E. Gerativismo. In MARTELOTTA, M. E. T. (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 127-140.

LABOV, W. Linguistics and Sociolinguistics. In COUPLAND, N.; JAWORSKY, A. (Eds.) *Methods for studying language in society*. In *Sociolinguistics: a Reader*. New York: St. Martin's Press, [1972, 1978] 1997, p. 23-24.

LEPSCHY, G. C. *A linguística estrutural*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1975, p. 79-100.

MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs.) *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*, v. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

LOBATO, L. *Sintaxe gerativa do português*. Belo Horizonte: Vigília, 1986.

NEVES, M. H. M.. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PEREIRA, M. G. D. Introdução. In *Palavra* 8. Departamento de Letras da PUC-Rio. Rio de Janeiro: Editora Trarepa, 2002, p. 7-25.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em linguística. In MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*, v. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

RAPOSO, Eduardo. A língua como sistema de representação mental. In *Teoria da Gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho, 1992, p. 25-63.

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Humanística, 2002 (Edições Loyola).

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.